

## I

Pronto, amorzinho, talvez eu seja um chato do car..., bom, tu sabes do quê, mas depois de eu te contar de fio a pavio a história dos escolhos que enfrentei para singrar na América entre 1935 e os dias de hoje ou perto disso, 1967, e embora também saiba que toda a gente neste mundo sofre as suas contrariedades, compreenderás que esta minha forma muito própria de angústia proveio do facto de me deixar afectar em demasia por todos os imbecis com quem tive de lidar para conseguir tornar-me uma vedeta do futebol no liceu, um estudante universitário a servir café às mesas e a lavar pratos e a treinar com a equipa até ao cair da noite e a ler a *Ilíada* de Homero em três dias, tudo ao mesmo tempo, e, valha-me Deus, um ESCRITOR cujo «sucesso», longe de ser um alegre triunfo à moda antiga, foi o dobre a finados, a morte na alma. (Já que ninguém gosta dos meus travessões, vou usar a pontuação corriqueira para a nova geração de analfabetos.)

Escuta, além do mais, a minha angústia, como eu lhe chamo, advém do facto de as pessoas terem mudado tanto, não só nos últimos cinco anos, santo Deus, nem só nos últimos dez anos, como diz McLuhan, mas nos últimos trinta anos, de tal maneira que já nem as reconheço como pessoas nem me reconheço a mim mesmo como membro genuíno de uma coisa chamada a raça humana. Lembro-me de ver, em 1935, homens feitos, de mãos enfiadas nos bolsos do casaco, que passavam a assobiar na rua, indiferentes a tudo, e sem que ninguém reparasse neles. E iam em passo veloz, note-se, para o trabalho ou para o bazar ou ter com a namorada. Nos tempos que correm, diz-me lá, que raio de andar indolente e desajeitado é este que toda a gente tem? Será porque as pessoas já só estão habituadas a atravessar parques de estacionamento? Será que o automóvel as encheu de tal vaidade que caminham como um bando de vadios ociosos a deambular sem destino?

Nas noites de Outono, no Massachusetts, antes da guerra, víamos sempre um ou outro fulano a caminho de casa para jantar, de punhos enterra-

dos bem fundo nos bolsos do casaco, a assobiar e a avançar em passadas largas, mergulhado nos seus pensamentos, sem sequer olhar para quem se cruzava com ele no passeio, e depois do jantar víamos o mesmo fulano a percorrer a mesma rua a toda a pressa, a caminho da lojinha de guloseimas da esquina ou para ir ter com Joe ou ao cinema ou ao salão de bilhar ou para cumprir o turno da noite na fábrica ou para se encontrar com a namorada. Já não se vê nada disto na América, não apenas porque toda a gente anda de carro e vemos as pessoas de cabeça estupidamente emperdigada a conduzir aquelas máquinas idiotas pelo meio das armadilhas e infracções do trânsito, mas também porque hoje em dia ninguém caminha pela rua descontraidamente, de olhos no chão, a assobiar; todos olham para as pessoas com quem se cruzam no passeio com ar de culpa e, pior ainda, com curiosidade e interesse postiços, nalguns casos uma atenção «desempoeirada», uma pose do género «A mim não me escapa nada», ao passo que naquele tempo chegava a haver filmes com o Wallace Beery em que ele acordava numa manhã de chuva e voltava logo costas à janela, dizendo: «Ora essa, vou mas é dormir mais um bocado, também não hei-de perder grande coisa, de certeza.» E a verdade é que não perdia mesmo. Hoje só ouvimos falar de «contribuições criativas para a vida em sociedade» e ninguém se atreve a dormir durante um dia inteiro de chuva ou sequer a conceber a ideia de deixar escapar alguma coisa.

Aquela maneira de andar com um assobio nos lábios de que há pouco falei, eis o modo como os homens feitos se dirigiam para o campo pelo lado dos Dracut Tigers em Lowell, no Massachusetts, aos sábados e domingos, só para verem um jogo de futebol entre miúdos. Sob o vento frio de Novembro lá estão eles, homens e rapazes, ao longo das linhas laterais; um maluco qualquer até fez uma corrente artesanal com duas pegas para medir os avanços de cada equipa — que é como quem diz, o terreno conquistado. No futebol, quando a nossa equipa conquista nove metros, tem direito a mais quatro oportunidades para conquistar outros nove. Alguém tem de ir verificando, o que implica correr pelo campo quando essa marca está quase a ser atingida para medir com rigor quanto terreno é que ainda falta. Para isso, são necessários dois fulanos, cada qual a segurar a sua ponta da corrente pela respectiva pega, e têm de saber como esticar a corrente em obediência a um instinto paralelo. Hoje em dia, duvido que alguém neste mundo Mandala Mosaico Mescla saiba o que significa «paralelo», à parte os génios loucos que estudam matemática na universidade, os topógrafos, os carpinteiros, etc.

Eis portanto aquela turba de homens despreocupados e também rapazes, até raparigas e um bom número de mães, todos a caminhar ao lon-

go de um quilómetro e meio através do prado em volta do campo dos Dracut Tigers só para verem os filhos e irmãos de treze e dezassete anos a jogar futebol num campo irregular, cheio de altos e baixos, sem postes, com uns noventa metros de comprido, uma extremidade assinalada por um pinheiro e a outra por uma cavilha de madeira cravada no chão.

Mas no meu primeiro desafio num pelado, em 1935, por alturas de Outubro, não havia nenhuma multidão a assistir: era um sábado, bem cedo de manhã, e o meu grupo tinha desafiado a equipa dos fulanos-de-tal de Rosemont, sim, na verdade eram os Dracut Tigers (nós) contra os Rosemont Tigers, tigres por todo o lado, tínhamo-los desafiado no jornal *Sun* de Lowell, num artigozinho escrito pelo capitão da nossa equipa, Scotcho Boldieu, e revisto por mim próprio: *Os Dracut Tigers, de 13 a 15 anos, desafiam qualquer equipa de futebol de 13 a 15 anos para uma partida num sábado de manhã, no seu próprio campo ou noutra campo qualquer*. Não era nenhuma partida oficial nem nada que se parecesse, apenas miúdos, e apesar disso apareceram fulanos mais velhos com uma corrente e duas pegas para medir os metros conquistados, como num jogo a valer.

Nesta partida, embora eu fosse, provavelmente, o jogador mais jovem em campo, era também o único grandalhão, o único com uma planta física de futebolista, isto é, pernas grossas e corpo robusto. Consegui nove ensaios e ganhámos por 60-0, e ainda falhámos três pontos extra. A partir daquela manhã, convenci-me de que ia marcar ensaios àquele ritmo a minha vida inteira e que nunca os adversários me iam tocar nem placar, mas o futebol a sério ainda estava para vir, na semana seguinte, quando os fulanos mais encorpados que passavam a vida no salão de bilhar e na pista de *bowling* do meu pai, no Clube Recreativo de Pawtucketville, decidiram mostrar-nos como é que se partem cabeças a valer. O que os movia, ou a alguns deles, era o facto de o meu pai estar sempre a pô-los na rua do salão, já que nunca tinham sequer um centavo para gastar numa *Coca-Cola* ou num jogo de bilhar, e muito menos numa partida de *bowling*, e limitavam-se a ficar para ali a fumar, de pernas esticadas, impedindo a passagem dos clientes genuínos que iam lá para jogar. Mal eu sabia o que aí vinha naquela manhã, depois de nove ensaios, quando me precipitei para o meu quarto e escrevi à mão, numa letra de imprensa esmerada, um grande cabeçalho de jornal e uma notícia a anunciar DULUOZ MARCA 9 ENSAIOS E DRACUT ESMAGA ROSEMONT 60-0! Este jornal, exemplar único, vendi-o por três cêntimos a Nick Rigolopoulos, o meu único cliente. Nick era um homem doente dos seus trinta e cinco anos que gostava de ler os meus jornais, já que não tinha mais nada para fazer, e passado pouco tempo ficou amarrado a uma cadeira de rodas.

Chega o dia do grande jogo e, como eu disse, homens de mãos nos bolsos atravessam o prado a assobiar e a rir, com as mulheres, as filhas, bandos de outros homens, rapazes, e vão todos enfileirar-se ao longo das linhas laterais, para ver os fabulosos Dracut Tigers medir forças com uma equipa mais dura de roer.

A verdade é que os membros da equipa «do salão de bilhar» tinham idades entre dezasseis e dezoito anos. Mas eu contava com alguns rapazes rijos na minha formação. Tinha Iddyboy Bissonnette, o meu central, que era mais velho e mais encorpado do que eu mas preferia não andar em correrias pelas zonas recuadas do campo, gostava, isso sim, do zás-trás-pás no alinhamento, para abrir brechas para os corredores. Era duro que nem um rochedo e teria sido um dos melhores jogadores de alinhamento de todos os tempos nas equipas do Liceu de Lowell, caso as suas notas não fossem tão fracas. O meu lançador era Scotcho Boldieu, esperto, forte e baixinho, de cujas mãos saíam passes maravilhosos (e mais tarde dedicou-se ao basebol e tornou-se um magnífico lançador). Tinha um outro rapaz rijo e seco de carnes chamado Billy Artaud, capaz de derrubar um corredor como ninguém e de cada vez que conseguia ficava a gabar-se durante uma semana inteira. Tinha outros menos talentosos, como Dicky Hampshire, que certa manhã chegou mesmo a jogar com o melhor fato no corpo (como extremo-direito) porque a seguir ia a um casamento, e como tinha medo de sujar o fato não deixou que ninguém lhe tocasse e não tocou em ninguém. Tinha G. J. Rigolopoulos, que era bastante bom quando se irritava. Para o grande jogo consegui recrutar Bong Baudoin aos agora extintos Rosemont Tigers, que era bastante forte. Mas tínhamos todos treze e catorze anos, não mais.

Logo na primeira jogada, recebi a bola, desatei a correr e dei por mim no chão, com três ou quatro matulões em cima. Naquela pirâmide humana, comigo em baixo, a agarrar a bola, de repente Halmalo, um tipo de dezassete anos, um dos que passavam a vida a ser corridos do salão de bilhar, começou a dar-me murros na cara, a coberto da amálgama de corpos, e dizia para os amigos: — Arrumem com este santinho de altar do Duluoz!

O meu pai estava junto à linha lateral e viu tudo. Pôs-se a andar para trás e para diante em grandes passadas, a puxar fumaças do charuto, de rosto vermelho de raiva. (Vou contar as coisas assim para simplificar.) Depois de três tentativas mal sucedidas para progredir, não tínhamos outro remédio senão chutar a bola para a frente na quarta jogada, e foi isso que fizemos, o defesa livre da equipa dos matulões corre alguns metros com a bola em direcção ao nosso meio-campo e ei-los que concretizam

a sua primeira recuperação de terreno. Conto a Iddyboy Bissonnette do soco que me deram no meio da confusão. Os matulões fazem a sua primeira jogada e, no alinhamento, um deles ergue-se com o nariz a sangrar. Toda a gente está furiosa.

Na jogada seguinte, Halmalo recebe a bola do centro e começa a bailar na extrema-esquerda do seu meio-campo, magro e de pernas compridas, com o resto da equipa a cobri-lo bastante bem, convencido de que nada o vai deter contra estes putos ramelosos. Eu surjo a correr, quase agachado, tanto que os companheiros de equipa dele julgam que caí de joelhos, e quando se afastam um bocadinho para se atirarem contra outros adversários, a abrirem caminho para Halmalo, eu mergulho através da brecha e vou contra ele de cabeça, acerto-lhe em cheio nos joelhos e atiro-o uns bons dez metros para trás, a deslizar sobre o traseiro, a bola perde-se pela linha lateral e ele apaga-se que nem uma lâmpada fundida.

Levam-no para fora do campo, inconsciente.

O meu pai berra: — Ah ah ah, talvez assim aprendas a não bater num rapazinho de treze anos, *mon maudit crève faim!* (Esta última parte, que ele gritou em francês do Canadá, significa, mais ou menos, «meu pobre de espírito do raio que te parta».)

## II

Não me consigo lembrar do resultado final dessa partida, por mais que me esforce, mas acho que ganhámos; se fosse ao Clube Recreativo de Pawtuckeville para descobrir, acho que não ia encontrar ninguém que se recordasse, e tenho a certeza absoluta de que todos iam mentir. O que hoje em dia me deixa tão amargurado e, como já disse, «cheio de angústia», ou um dos motivos para isso, é que toda a gente desatou a mentir e, como mentem, as pessoas partem do princípio de que eu minto também: esquecem-se de que eu recordo muitas coisas com grande clareza (é evidente que me esqueci de algumas, como o resultado daquela partida de futebol), mas acredito sinceramente que mentir é pecado, a não ser que se trate de uma mentira inocente causada por uma falha de memória, e não tenho dúvidas de que prestar falso testemunho ou jurar em falso é pecado mortal, mas o que eu queria dizer é que a mentira se tornou predominante no mundo actual (graças à propaganda dialéctica marxista e às técnicas próprias do Comintern, entre outras causas), de tal forma que quando um homem diz a verdade as outras pessoas todas, que olhando-se ao espelho vêem um mentiroso, partem do princípio de que o fulano